

NÃO EXISTE ALMOÇO GRÁTIS

Por Sérgio Birchall

O economista americano Milton Friedman, vencedor do Prêmio Nobel de Economia em 1976 ficou famoso, entre outras coisas, por suas frases. Uma delas diz o seguinte: "Não existe almoço grátis no capitalismo". Ele popularizou um velho ditado: "There's no such thing as a free lunch". O ditado resume o fato de que na realidade uma pessoa ou uma sociedade não pode ter algo do nada, mesmo que este algo lhe pareça gratuito. Há sempre um custo para alguém ou para a sociedade como um todo, mesmo que este custo esteja escondido ou distribuído por tantas pessoas que passe despercebido. Isto se deve ao fato de que os recursos disponíveis são sempre escassos diante da nossa lista inesgotável de necessidades e desejos.

Os recursos econômicos para a produção de bens e serviços demandados pela sociedade são, basicamente, de três tipos: (1) os recursos humanos, com sua capacidade física e intelectual, (2) os recursos financeiros e materiais, como máquinas, equipamentos e edificações e (3) os recursos naturais, como o ferro, o petróleo e seus derivados, entre outros.

Tomemos os recursos humanos para mostrar como eles podem ser escassos. A população de um país é limitada. Segundo o IBGE, somos cerca de 192 milhões de brasileiros. Não podemos dobrar este número de um dia para outro. Os recursos humanos são, também, limitados pelo tempo. O dia, tal como nós o contamos, tem vinte quatro horas e ponto. Além disso, destas vinte e quatro horas, somos obrigados, em

média, a dormir pelo menos oito horas por dia. Ou seja, ninguém tem mais do que dezesseis horas disponíveis por dia para dedicar às demais atividades da vida, além do sono. Também não temos um dia a mais ou a menos. Ninguém sabe quando a morte vai chegar. Em outras palavras, de fato não somos donos nem mesmo do tempo que julgamos ter e ele, mesmo que detestemos, é limitado das mais diversas formas. E visto vale para todos os seres humanos.

Isto nos leva a uma segunda questão que, também, é uma discussão recorrente entre os economistas: os “trade-offs” ou escolhas excludentes. Coletiva ou individualmente estamos o tempo todo sendo obrigados a fazer escolhas. Se sair de sapatos pretos, não posso sair de sapatos marrons (pelo menos não no mesmo pé). No momento em que escrevo este texto não posso estar dormindo ou lendo ou dirigindo. Quando decido ter um estilo de vida, abro mão de outros estilos de vida possíveis. Quando escolho não fazer nada, abro mão da possibilidade de fazer um montão de coisas. Quando a sociedade escolhe alguém para o cargo de presidente de um país abre mão de todas as outras alternativas possíveis de presidentes entre os seus demais membros. Quando escolhemos o síndico do condomínio em que moramos concordamos que os demais não o serão por um determinado tempo. Desta forma, qualquer escolha (voluntária ou não) envolve um custo (financeiro, humano, etc.). O custo é fruto das escolhas excludentes, que são inerentes ao fato de que os recursos são sempre escassos para atender às necessidades e/ou desejos ilimitados. Assim é que os economistas se apropriaram do velho ditado de que “não existe almoço grátis”.

Desta forma, aprendemos que a economia se dedica a distribuir os recursos econômicos escassos da forma mais eficiente possível. Aprendemos, também, que todos os bens e serviços produzidos por uma economia dependem da disponibilidade dos recursos econômicos (humanos, físicos e naturais). Concluimos que devido à escassez dos recursos produtivos (tempo, por exemplo) estamos sempre diante de *Trade-offs*, ou escolhas excludentes. Finalmente, aprendemos que todas as escolhas excludentes incorrem em custos, tanto explícitos quanto implícitos. Daí que o entendimento do real significado do velho ditado de que não existe almoço grátis é tão fundamental para entendermos as bases do funcionamento da economia.